

ANO 4 - NÚMERO 39 - JANEIRO 2018

# Xapuri

SOCIOAMBIENTAL

R\$ 10

## ECOLOGIA

A chegada dos Peregrinos do Alvorecer aos jardins das plantas tortas nos chapadões centrais do Brasil  
p. 26

## PERFIL

Nelson Pereira dos Santos  
Homenageado do 50º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro  
p. 38

## SAGRADO INDÍGENA

Rapé: importante medicina do Sagrado Indígena  
p. 44

# 2018

**ANO DECISIVO E TRÁGICO  
PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

p. 08



# DEFENDER A CAIXA É DEFENDER O SANEAMENTO

A Caixa é o banco do saneamento básico. Graças a ela, milhões de brasileiros, sobretudo nas pequenas cidades, têm acesso a água e esgoto tratados.

Os recursos investidos no setor crescem a cada ano. Em 2015, foram R\$ 70,9 bilhões, total que passou para R\$ 78,6 bilhões no ano seguinte. Em 2017, apenas até junho, foram R\$ 80 bilhões.

Isso é possível porque a Caixa é 100% pública e parceira dos municípios. É urgente barrar os planos do governo para diminuir, fatar e privatizar o banco.

Acesse o site e conheça a campanha do Comitê Nacional em Defesa da Caixa, formado pela FenaE - Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa e outras entidades.



[www.defendaacaixa.com.br](http://www.defendaacaixa.com.br)



## DEFENDA A CAIXA VOCÊ TAMBÉM

“**Toda vez que um justo grita, um carrasco vem calar.  
Quem não presta fica vivo, quem é bom, mandam matar.**”  
Cecília Meireles

## COLABORADORES/COLABORADORAS JANEIRO

Altair Sales Barbosa – Arqueólogo. Antenor Pinheiro – Jornalista. Bia de Lima – Educadora. Emir Sader – Sociólogo. Fernando José Cantele – Historiador. Gustavo Dourado – Poeta. Escritor. Iêda Leal – Educadora. Jaime Sautchuk – Jornalista. Jairo Lima – Indigenista. Escritor. Laurenice Noleto – Jornalista. Leonardo Boff – Teólogo. Luiz Inácio Lula da Silva – Ex-Presidente. Escritor. Tashka Yawanawa – Líder Indígena. Trajano Jardim – Jornalista. Zezé Weiss – Jornalista.

## CONSELHO EDITORIAL

- |                                      |  |
|--------------------------------------|--|
| 1. Jaime Sautchuk – Jornalista       | 7. Emir Sader – Sociólogo              |
| 2. Zezé Weiss – Jornalista           | 8. Graça Fleury – Socióloga            |
| 3. Altair Sales Barbosa – Arqueólogo | 9. Jacy Afonso – Sindicalista          |
| 4. Ângela Mendes – Ambientalista     | 10. Jair Pedro Ferreira – Sindicalista |
| 5. Antenor Pinheiro – Jornalista     | 11. Iêda Vilas-Bôas – Escritora        |
| 6. Elson Martins – Jornalista        | 12. Trajano Jardim – Jornalista        |



## EXPEDIENTE

Xapuri Socioambiental  
**Telefone:** (61) 9 9967 7943. **E-mail:** contato@xapuri.info. **Razão Social:** Xapuri Socioambiental Comunicação e Projetos Ltda. CNPJ: 10.417.786\0001-09. **Endereço:** BR 020 KM 09 – Setor Village – Caixa Postal 59 – CEP: 73.801-970 – Formosa, Goiás. **Atendimento:** Geovana Vilas Bôas (61) 9 9884 4810. **Edição:** Zezé Weiss, Jaime Sautchuk (61) 98135-6822. **Revisão:** Lúcia Resende. **Produção:** Zezé Weiss. Jornalista Responsável: Thais Maria Pires - 386/ GO. **Menor Aprendiz:** Ana Beatriz Fonseca Martins. **Mídias Sociais:** Eduardo Pereira. **Logística:** Calleb Reis. **Tiragem:** 5.000 exemplares. **Circulação:** Revista Impressa – Todos os estados da Federação. Revista Web: www.xapuri.info. **Distribuição:** Revista Impressa: Todos os estados da Federação. ISSN 2359-053x.

O sistema capitalista se desenvolveu com maior pujança em países que investiram, em primeiro lugar, na Educação de seus habitantes. Os exemplos europeus, os Estados Unidos e, mais recentemente, algumas nações asiáticas não nos deixam mentir.

Desde seus primórdios, com Adam Smith, há consenso entre os grandes ideólogos do capitalismo de que as conquistas econômicas só florescem onde a ciência e a tecnologia tenham brotado mais cedo. E os saberes nesses campos não caem do céu, advêm dos bancos escolares, dos laboratórios, dos centros de estudos e pesquisas. Daquilo, enfim, que chamamos de Educação.

No entanto, as elites verde-amarelas, em sua esmagadora maioria, meteram na cabeça que a defesa de um povo educado é coisa da esquerda. Uma proposta ideologizada, portanto. Mesmo cientes de que a Constituição Federal do Brasil estabelece que a Educação é um direito de todos e um dever do Estado, acima de tudo.

Este é o tema de Capa desta Xapuri número 39 que vocês passam a folhear. É assunto que precisa ser debatido pela sociedade brasileira, num momento em que se avizinha um novo ano letivo, um período que chega com previsões pouco auspiciosas. Menos dinheiro e mais silêncio é o que se coloca ao ensino público, por exemplo.

Contudo, nem só de amarguras trata esta edição. A começar pela doce e secular marmelada feita pelos habitantes do Quilombo do Mesquita, localizado a 50 quilômetros de Brasília. Ou os vestígios arqueológicos dos primeiros habitantes do Brasil Central.

Ah, sim, e colocamos ao julgamento de quem nos lê um formato diferente da seção “Perfil”, que retrata em versos a figura do cineasta Nelson Pereira dos Santos. E muitos outros assuntos, como sempre, buscando fugir dos lugares-comuns da grande mídia, com os cuidados visuais que fazem bem aos olhos e à alma.

Boa leitura!

**Zezé Weiss e Jaime Sautchuk**

**Editores**





## Mensagens pra Xapuri

contato@xapuri.info

Feliz 2018, Xapuri!  
Carlos Caridade – Jesópolis – Goiás.

Um 2018 de lindas artes e excelentes matérias!  
Maria Helena Schuster – Arembepe – Bahia.

Salve, equipe da Xapuri! Pra vocês, um feliz e abençoado 2018!  
Liliberty Costa – Brasília – Distrito Federal.

## As imagens mais populares da @revistaXapuri



### Imagem do mês

@joosianesoares

Marque suas melhores fotos do Instagram com a hashtag

**#revistaxapuri**

Sua foto pode aparecer AQUI!



08

#### CAPA

2018 - Ano decisivo e trágico para a educação brasileira

26

#### ECOLOGIA

A chegada dos peregrinos do alvorecer aos jardins das plantas tortas nos chapadões centrais do Brasil

16

#### CHICO MENDES

Chico Mendes: herói do Brasil

30

#### ECOTURISMO

A casa do Rio Vermelho

20

#### CONSCIÊNCIA NEGRA

Quem são os racialistas no Brasil?

46

#### SUSTENTABILIDADE

A solução para a Terra não cai do céu

**Xapuri** – Palavra herdada do extinto povo indígena Chapurys, que habitou as terras banhadas pelo Rio Acre, na região onde hoje se encontra o município acreano de Xapuri. Significa: "Rio antes", ou o que vem antes, o princípio das coisas.

**Boas-Vindas!**

19

#### MEIO AMBIENTE

Pantanal: desmatamento, que já atinge 18% do bioma, coloca em risco a biodiversidade do Pantanal

23

#### AMAZÔNIA

Castanheira-do-Brasil: entre a vida e a morte

24

#### CONJUNTURA

2018: o ano do desenlace

29

#### CULTURA

Caravanas: a esperança, mesmo que se equilibrando, está aí, e vai voltar!

34

#### GASTRONOMIA

Festa do Marmelo no Quilombo Mesquita: resgate da tradição marmeleira no Planalto Central

36

#### UNIVERSO FEMININO

Ser feliz... para ser bonita

38

#### PERFIL

Nelson Pereira dos Santos homenageado do 50º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

40

#### MITOS E LENDAS

A lenda da Dança dos Tangarás

44

#### SAGRADO INDÍGENA

Rapé: importante medicina do Sagrado Indígena

48

#### URBANIDADE

Transporte desgovernado

50

#### MEMÓRIA

Sandra Dantas: para sempre, presente!



# 2018

## **ANO DECISIVO E TRÁGICO PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA**

Jaime Sautchuck

O projeto Escola sem Partido pode ter sido soterrado, pelo menos nas aparências, mas outro tipo de ensino público, também terrível, irá vigorar já em 2018 – o da escola sem dinheiro. É o que se deduz dos drásticos cortes de recursos da área da Educação neste ano, previstos na Lei de Diretrizes Orçamentárias (LDO), proposta pelo governo e aprovada pelo Congresso Nacional em dezembro passado, e em outras medidas governamentais.

A parte destinada a investimentos (ampliação e construção de unidades, aquisição de equipamentos e material escolar etc.) sofreu uma queda de 32% em relação aos valores reais de 2017. Caiu de R\$ 6,6 bilhões no ano passado pra pouco mais de R\$ 4,5 bilhões em 2018, ou seja, cortes que somam R\$ 2,1 bilhões, algo de forte impacto, que frustra até as expectativas mais modestas do setor.

Em vez de pelo menos acompanhar a inflação, o volume geral de recursos destinados à Educação em 2018 fez foi decair. Serão

7% a menos do que no exercício passado. Isso inclui as verbas de custeio da rede pública de ensino fundamental e médio, mas especialmente as universidades, segundo cálculos de instituições ligadas ao ensino superior. O total destinado ao próprio Ministério da Educação (MEC), o funcionamento da máquina, se manteve estável, em R\$ 44 bilhões.

Medidas anunciadas de modo fragmentado nos dão conta de que programas específicos, de bolsas de estudo e de financiamentos, por exemplo, também estão sendo afetados. Programas de cunho social como o Universidade Para Todos (ProUni) e o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pro-natec) estão praticamente extintos, segundo a Central de Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil (CTB).

Esses programas foram mecanismos criados pra facilitar o acesso da nova classe média que surgia no país, suprimindo a deficiência de vagas em universidades e escolas públicas. Com as recen-

tes mudanças nos programas de geração de renda e nas condições econômicas do país, cresceu rapidamente o número de inadimplentes entre os usuários desses recursos, mudando também as regras do financiamento.

Na complexidade do sistema educacional brasileiro, é certo que quando há medidas, em especial cortes de verbas, no plano federal, elas irão se refletir nas esferas estadual e municipal. Mesmo tendo-se em conta que os governos locais têm certa alça de voo pra tomarem iniciativas adequadas a cada local e apresentam acertos e defeitos particulares de gestão.

### CORTES E REGULAGENS

Quanto à Escola sem Partido, tenhamos a certeza de que o propósito continua vivo. Está na ideia de uma educação voltada à formação técnica específica, geradora de mão de obra, em que se evitam os conteúdos humanistas e o pensamento crítico, formadores de cidadãos. Em verdade, ela está sendo colocada em prática por três caminhos básicos, que são a orientação das direções das escolas, a formação direcionada de professores e a produção do livro didático.

A nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que determina o que deve ser ensinado na educação infantil e fundamental, foi lançada em 20 de dezembro pelo presidente Michel Temer. Ela fixa linhas gerais e será posta em prática progressivamente, ano após ano, na medida em que for sendo regulamentada, de modo que ainda não se sabe ao certo todo seu alcance.

Ainda em 2016, havia sido aprovada pelo Congresso a emenda constitucional conheci-

da como PEC do Teto, que fixa um limite máximo aos gastos anuais do governo federal até 2036, com forte impacto sobre a área social.

Já a partir de 2018, o teto da Educação, que era de 0,9% do Produto Interno Bruto (PIB) anual, cai pra 0,7%, o que significa um arrocho com respaldo constitucional. A medida altera até mesmo o Plano Nacional de Educação, também aprovado há dois anos, que estabelecia como meta gastar 10% do PIB com Educação.

Algo parecido vem ocorrendo com os *royalties* do Pré-sal, que não estão chegando ao setor Educação. Por decisão do governo federal de 2013, as empresas concessionárias da exploração de petróleo e gás natural na faixa oceânica pagariam 15% dos lucros à União, dois terços dos quais seriam destinados a projetos educacionais.

Contudo, sob a alegação de mudança no cenário internacional, com queda no preço do óleo, o volume de *royalties* também teria diminuído, o fato é que eles não têm chegado ao destino. Em verdade, ao cair no caixa da União, o dinheiro pago pelas petroleiras ganha outras destinações.

São iniciativas que demonstram a intenção do governo de ir matando a escola pública e gratuita aos poucos, por asfixia financeira. De outro lado, vai aumentando o volume de benefícios à rede privada de ensino, da pré-escola à pós-graduação, e esta pode ensinar o que bem entender, da forma que quiser.

Assim, torna-se mais vivo do que nunca o debate sobre o ensino público e gratuito, a muito custo implantado no Brasil na primeira metade do século passado, como resultado de um movimento liderado por Anísio Teixeira. Ele se baseou nos exemplos

daquela época na Europa e nos Estados Unidos, como única forma de assegurar o direito à educação às camadas mais pobres da sociedade.

“Um regime socialmente justo é alicerçado na educação. Se através de impostos é possível uma melhor distribuição de renda, por meio da educação pública e gratuita se promove a distribuição de conhecimento”, repetiu Anísio muitas vezes em seus escritos.

### ELITES MEDROSAS

É impressionante o tanto que as elites conservadoras do Brasil têm medo, verdadeiro pavor da Educação, de um povo educado. Preferem que os e as zés-mães fiquem no obscurantismo de modo passivo e se sujeitem a condições degradantes de trabalho e de vida. Afinal, uma pessoa letrada sabe mais sobre tudo, inclusive sobre direitos trabalhistas.

O caso do próprio Anísio Spínola Teixeira é exemplar. Ele nasceu em Caetitê, no sertão da Bahia, em 1900, filho de famílias tradicionais. Estudou em colégio católico, de padres jesuítas, e chegou a se enveredar pela vida religiosa. Mas foi impedido pelo pai, médico e chefe político local, que via no filho um sucessor civil.

Cursou Direito na Universidade do Rio de Janeiro (UFRJ), se distanciando dos jesuítas. Mesmo assim, era tido como uma eminência da congregação e chegou a ser levado a Roma, pra uma conversa com o papa, em 1925. Aproveitou a viagem e visitou vários países, buscando saber como era a Educação em cada um deles.

No entanto, ao amadurecer ainda mais suas ideias sobre o ensino público, ele passou a ver na própria Igreja o uso da Educa-





Ilustração: Luiz Carlos Cappellano

ção como fator de exclusão. Foi, então, cursar pós-graduação nos Estados Unidos, onde se aproximou de pensadores da área e chegou a traduzir ao português dois livros do pedagogo e filósofo John Dewey, sobre a Pedagogia naquele país.

Durante o Estado Novo, o período autoritário da era Getúlio Vargas (1937-1945), foi perseguido, mas ressurgiu em 1945, exercendo vários cargos públicos nesta área. E foi indo até receber a tarefa de estruturar a Universidade de Brasília (UnB), da qual foi o primeiro reitor, em 1963, mas deixou o cargo no ano seguinte, por imposição do regime militar que se implantou após o golpe de 1964, e foi morar novamente nos Estados Unidos.

Voltou ao Brasil em 1966 e atuou em organismos internacionais até iniciar negociações pra ingressar na Academia Brasileira de Letras (ABL), em 1971. Após uma reunião na sede da entidade no Rio, em 11 de março, ele

desapareceu. Três dias depois, foi encontrado morto no elevador do prédio onde morava, supostamente vítima de algum acidente.

Contudo, segundo o político e escritor Luiz Viana Filho, então membro da ABL, ele havia sido preso por militares e levado a um quartel da Aeronáutica, numa operação comandada pelo brigadeiro João Paulo Burnier, conhecido pela sua truculência. Desaparecia, assim, o pai da escola pública e gratuita no país.

### PRIVATISMO

Um dos principais colaboradores de Anísio desde a década de 1950, o antropólogo Darcy Ribeiro, participou da organização da UnB, foi ministro da Educação e chefe da Casa Civil nos governos dos presidentes Jânio Quadros e João Goulart. Mas também foi posto pra correr em 1964 e seguiu rumo ao exílio no Chile e Uruguai, onde permaneceu até 1976, quando voltou ao torrão tupini-

quim debilitado por um câncer.

Ele não se cansava de dizer que não entendia por que era tratada como crime grave por aqui a defesa do ensino público, algo tão comum nos países da Europa Ocidental e nos Estados Unidos.

Tampouco compreendia a volúpia com que os donos de escolas tratavam a educação como qualquer mercadoria, vendida ao bel-prazer. Produto de luxo, que a grande maioria da população não podia comprar.

Darcy explicava desta forma a dicotomia entre escola pública e privada ("O Brasil como problema", Editora UnB, 2010):

"Escola pública versus privatismo, que condena o povo à ignorância. A escola privada pode e deve existir, como um direito de cada um de montar a escola com a coloração que quiser, mas o problema é o setor privado meter a mão no dinheiro público pra fazer a escola que quiser, voltada aos seus interesses..."

A Constituição Federal de 1988,

em vigor, diz que o ensino deve ser ministrado de acordo com o princípio "de pluralismo de ideias e concepções pedagógicas", na "coexistência de instituições públicas e privadas". Mas estabelece, também, que os recursos públicos podem ser "destinados às modalidades não lucrativas da iniciativa privada em educação" (Art. 209).

Parte, contudo, do princípio básico de que a educação "é um direito de todos e um dever do Estado e da família". Se a família não tem condições e o Estado não pode, em algumas circunstâncias, cabe a este terceirizar a tarefa. Ou seja, o governo paga alguma entidade ou empresa pra fazer aquilo que ele não pode ou não quer fazer.

Mesmo ações criadas com objetivos sociais, como o ProUni, tornaram pequenas faculdades em poderosos grupos educacionais. E surgiu grande quantidade de cursos que antes eram mais restritos, como os da área de Ciências da Saúde, inclusive de Medicina, e de Ciências Jurídicas, especialmente o de Direito. As mensalidades são altas, de modo geral, e a qualidade frequentemente colocada em dúvida pelas entidades profissionais desses setores.

Segundo dados do MEC, o país tem hoje 298 instituições públicas de ensino superior e 2066 privadas, grande parte delas em cidades do interior, nas 27 unidades da federação. Juntas elas oferecem 33.500 cursos de graduação.

O interesse do setor privado é grande, também, na outra ponta da cadeia educacional, a das creches. Segundo o último censo escolar anual do Inep-MEC, das 64,5 mil dessas unidades existentes no Brasil, 41% são privadas. O restante, 59%, são tocadas pelos

governos municipais. Na educação básica (até o ensino médio), a participação do setor privado é de 21,5% do total de escolas existentes no país (186 mil unidades).

Segundo estudo recente da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil é um dos países que menos gastam com alunos do ensino fundamental e médio. Por ano, o Brasil gasta 3,8 mil dólares (R\$ 11,7 mil) por criança do primeiro ciclo do ensino fundamental (até a 5ª série).

Isso é menos da metade do que se gasta na Europa e fica atrás de outros países considerados emergentes, como Argentina e África do Sul. A pesquisa abarca os 35 países europeus afiliados à entidade, mais 10 outras nações.

### ANALFABETISMO

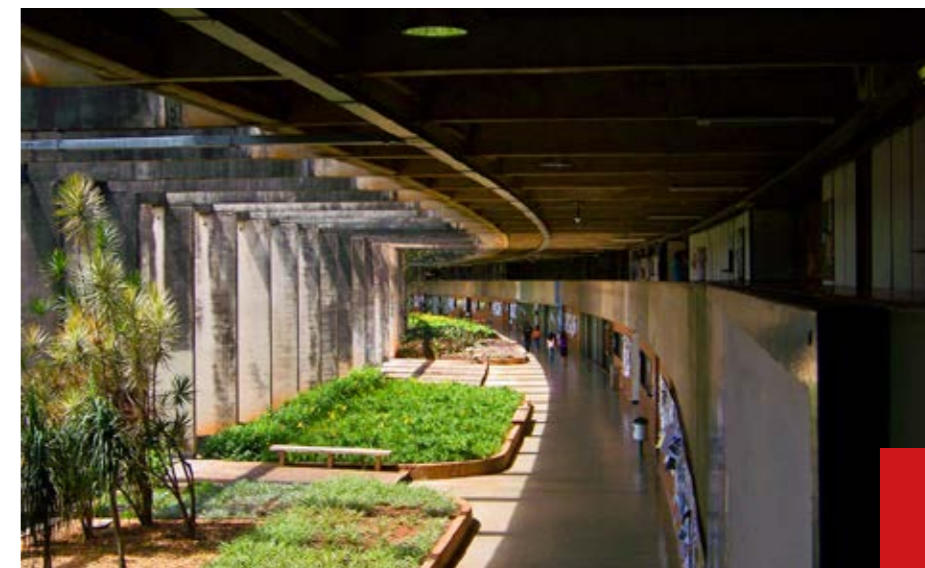
O Brasil ainda tem 11,8 milhões de analfabetos, conforme Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad), divulgada às vésperas do Natal de 2017 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). Essa taxa se mantém estável há três anos, em desacordo com o Plano Nacional de Educação (PNE), de 2014, que

previa a erradicação do analfabetismo em 7 anos. E é considerada muito elevada por qualquer parâmetro que se analise.

São vários os fatores apontados por estudiosos do assunto como causas desse índice. Por exemplo: a econômica, porque a vítima tem que trabalhar desde muito cedo; a de mobilidade, pelas distâncias e acessibilidade das escolas; e a cultural, por ela ser levada a crer que não tem capacidade, que não vai dar conta de ler e escrever.

No entanto, há evidências suficientes que nos dão conta de que a causa principal está no método de ensino. Muitas vezes distante da realidade do aluno, priorizando a decoreba em lugar da verdadeira compreensão, com vocabulário exótico, a forma de ensinar torna muito difícil o aprendizado, afastando os estudantes.

Dados do MEC revelam o alto índice de abandono da escola atualmente no país. Em média, 8% dos estudantes que se matriculam no ensino fundamental e 13% dos que iniciam o ensino médio desistem da escola sem completar o ensino básico. Isso dá um total de mais de 3 milhões de crianças e jovens, todos os anos.





É bem verdade que, segundo o portal do Ministério na Internet, 'a porcentagem de jovens que concluem o ensino médio na idade certa - até os 17 anos - aumentou em 10 anos, passando de 5%, em 2004, para 19%, em 2014'. Revela, também, que no mesmo período houve uma série histórica, progressiva, de queda na evasão escolar.

Uma vez mais, nos deparamos com um tema em que o Brasil tem tradição, tem história e personalidade. O educador Paulo Freire é reconhecido mundialmente como um dos maiores pensadores do século XX, recebeu títulos de Doutor Honoris Causa de 29 universidades da Europa e das Américas e é, por lei, o Patrono da Educação Brasileira. "Pedagogia do Oprimido", seu livro mais conhecido, já foi editado em mais de 20 diferentes idiomas.

Mais uma vez, também, foi vítima de perseguição das elites retrógradas que temos e teve que morar no exílio durante a ditadura militar. A grosso modo, sua teoria, aceita e usada mundo afora, é o inverso da Escola sem Partido apregoada por aqui, pois condena o ensino impositivo, de pura transferência de informações escolhidas ao critério de quem repassa. "A alfabetização é

um ato de conhecimento, de criação e não de memorização mecânica", dizia ele.

Freire começou justamente com a alfabetização de adultos e mudou o conceito de Educação de um modo geral. Seu primeiro trabalho nesta área foi como funcionário do Serviço Social da Indústria (SESI) em Recife, Pernambuco, estado onde nasceu, em 1921, e cresceu. No início dos anos 1960, foi coordenador do Programa Nacional de Alfabetização, do governo federal.

### BRUMAS

Ao chegarem à escola após as férias, neste início de novo ano, os estudantes já deverão sentir um clima um tanto diferente. Várias pessoas que vivem o dia a dia do ambiente escolar, professores e servidores, atestam que as mudanças já foram iniciadas em 2016, talvez por influência das mudanças nos gabinetes de Brasília.

Isso, no que diz respeito às escolas públicas, inclusive as de nível superior, onde a própria redução de recursos financeiros, que nunca foram muito fartos, já se faz sentir de modo acentuado. Várias universidades federais, por exemplo, tiveram dificulda-

des pra fazer os vestibulares no final do ano e nos laboratórios e pesquisas de campo o sequeiro já deu sua cara, como sinal de alerta ao que virá adiante.

No primeiro dia útil de 2018, 2 de janeiro, o presidente Michel Temer reafirmou sua disposição de arrocho ao sancionar a lei que institui o Orçamento Geral da União deste ano. Seu conteúdo já havia sido fartamente debatido no governo e no Congresso, mas, contrariando a tradição, em vez de usar apenas a caneta pra ratificar a previsão de receitas e despesas, ele usou também a tesoura.

Em todo o calhamaço, ele vetou apenas um ponto, que era um aporte extra de R\$ 1,5 bilhão no Fundo de Manutenção do Ensino Básico. Era um recurso pra assegurar principalmente o funcionamento da rede de ensino fundamental em todo o país, cuja gestão, em sua quase totalidade, está a cargo das prefeituras municipais.

O que se avista são brumas.



**Jaime Sautchuk**  
Jornalista. Escritor



## ATO REFORÇA UNIDADE DOS EMPREGADOS CONTRA PRIVATIZAÇÃO DA CAIXA

Os empregados e empregadas da Caixa demonstraram força e unidade na luta em defesa da Caixa 100% pública. A atividade do dia 28 de novembro reuniu o corpo funcional da Caixa para reforçar a importância da empresa para o crescimento social e econômico do país, garantindo cidadania, educação e moradia a milhões de brasileiros.

Juntos, trabalhadores e lideranças sindicais disseram não à abertura do capital

da empresa. O frontal ataque à manutenção da Caixa como empresa 100% pública é mais uma estratégia articulada pelo governo ilegítimo de Michel Temer para favorecer o mercado financeiro.

Diretor do Sindicato e representante de Brasília na comissão que negocia com o banco, **Wandeir Severo** alerta que o que está em jogo não se restringe ao emprego e à vida dos empregados da Caixa. "O ataque é direcionado a uma empresa

fundamental para a existência do país", desabafa.

De acordo com Wandeir, "há um círculo virtuoso que precisa ser mantido com o apoio dos empregados, atentos às informações verdadeiras, debatendo e discutindo a Caixa dentro e fora da empresa. Na mesa de negociação, manteremos o pulso firme e a mão forte, não aceitando os desmandos da direção da empresa", completa.



# CHICO MENDES: HERÓI DO BRASIL

Luiz Inácio Lula da Silva

Chico Mendes talvez nem soubesse o que queria dizer ecologia e muito menos holocausto ecológico quando começou sua romaria para organizar a peãozada dos seringueiros. Primeiro, nos Sindicatos dos Trabalhadores Rurais e, mais tarde, para criar o PT.

Nessas caminhadas pela floresta, ele acabou juntando numa só bandeira a luta ecológica, a luta sindical e a luta partidária, porque sabia que elas são indissociáveis: uma alimenta a outra no mesmo ciclo de vida na natureza. E, feito inimaginável naquele tempo, para defender as mesmas lutas, sob a mesma bandeira, Chico liderou a união de índios, ribeirinhos e seringueiros na grande Aliança dos Povos da Floresta.

Quando estive em Xapuri, no Acre, para ajudar na campanha do Chico a prefeito, em 1985, a barra já estava pesando. Os latifundiários do Centro-Sul do Brasil, que tinham invadido a região, não escondiam de ninguém que ele estava marcado para morrer. Logo o Chico, que foi um dos mais apaixonados defensores da vida que já conheci, homem tão puro e tão limpo como a água da chuva da mata, que foi sua

companheira incomparável.

É em memória de todos os companheiros e companheiras que, como o Chico, tombaram em defesa da terra, da floresta e da vida, que seguimos lutando para implantar no Brasil as políticas públicas sonhadas por ele. Políticas públicas voltadas para a construção de um modelo de desenvolvimento capaz de gerar riquezas para o país e para os povos da floresta e, ao mesmo tempo, preservar a nossa Amazônia, para as gerações presentes e futuras.

Lá num cantinho do céu, Chico hoje deve estar feliz por saber que, nesses últimos 30 anos, nem nós esmorecemos, nem seu trabalho deixou de ser multiplicado por esse Brasil afora. Nós hoje temos um Acre melhor, uma Amazônia melhor e um Brasil melhor. Como companheiro, celebro as vitórias alcançadas por todos nós a partir dos empates de Xapuri. Como brasileiro, celebro Chico Mendes, herói do Brasil, por continuar servindo de norte para a nossa luta por dias ainda melhores para todos nós e, especialmente, para os povos da floresta.



**Luiz Inácio Lula da Silva**

Ex-Presidente do Brasil.

Depoimento à jornalista Zezé Weiss para o livro *Vozes da Floresta*.

Editora Xapuri. 2010. A data foi atualizada para os 30 anos do assassinato de Chico Mendes: Uma memória a honrar. Um legado a celebrar. (1988-2018).

# MANGA

## NA DIETA:

### CINCO BENEFÍCIOS PARA A NOSSA A SUA SAÚDE

Além de ser uma fruta vibrante, colorida, perfumada e deliciosa, a manga contém nutrientes importantes como o fósforo, o cálcio, o ferro, o cobre, o zinco, e vitaminas essenciais, em especial o betacaroteno, que em nosso organismo se converte em vitamina A, fundamental para a saúde dos nossos ossos, da nossa pele e da nossa visão. Considerada também como muito importante na prevenção do câncer e no equilíbrio do colesterol, a manga, abundante nos quintais brasileiros a cada início de ano, traz muitos outros benefícios para a nossa qualidade de vida:

1. Fortalecimento do Sistema Imunológico: A manga, que tem mais vitamina C que a laranja e o limão, reforça nossas defesas e ajuda a impulsionar nosso sistema imunológico contra as doenças infecciosas, como as gripes e os resfriados.
2. Prevenção do Risco Cardíaco: Um estudo mostrou que as pessoas que consomem manga regularmente apresentam níveis mais baixos de proteína C reativa, um indicador de risco cardíaco. Explicação para o achado: as fibras solúveis e os antioxidantes que abundam na manga zelam pelo bom funcionamento das artérias. As fibras baixam o colesterol, aumentam a sensação de saciedade e a ajudam a controlar os níveis de açúcares no sangue.
3. Controle do Diabetes: Não só a fruta, mas também as folhas de manga são saudáveis. Para as pessoas que sofrem de diabetes, recomenda-se ferver cinco a seis folhas de manga em um copo de água, deixar repousar durante a noite, filtrar e beber pela manhã para ajudar a regular os níveis de insulina.
4. Combate ao Câncer: A grande quantidade de fibras e antioxidantes presentes na manga faz dela uma fruta anticâncer. Experimentos sugerem que haveria uma ação especial contra tumores de mama e cólon. No caso do câncer de intestino, é mais fácil entender o porquê da ação protetora: as fibras da manga, famosa pelos fiapos, auxiliam no trânsito intestinal, o que favorece a eliminação de possíveis elementos do cólon.
5. Perda de Peso: A manga possui muitas vitaminas e nutrientes que ajudam o nosso corpo a sentir-se mais completo. Além disso, as fibras da manga aumentam a função digestiva do nosso corpo, queimando calorias adicionais, o que ajuda na perda de peso.



# PANTANAL:

## PANTANAL:

DESMATAMENTO, QUE JÁ ATINGE 18% DO BIOMA, COLOCA EM RISCO A BIODIVERSIDADE DO PANTANAL

Eduardo Pereira

O Pantanal, terra do belíssimo Tuiuiú e de outras 4,7 mil espécies conhecidas de animais e plantas, já perdeu 18% de sua área para o desmatamento, causado, principalmente, pela produção extensiva de gado. Os dados são da ONG WWF-Brasil, que alerta para o sério risco da extinção de várias espécies, com danos imensuráveis para biodiversidade, além da disponibilidade de água para a própria população humana.

Embora seja o menor dos biomas brasileiros, o Pantanal fornece cerca de R\$ 560 bilhões ao ano em serviços ambientais para todo o planeta, em forma de água, solos produtivos, ar de qualidade, diversidade de peixes e regulação do clima.

Segundo Júlio César Sampaio, coordenador do Programa Cerrado Pantanal da WWF-Brasil, "esse valor econômico do Pantanal não é considerado nas análises de viabilidade de grandes projetos de infraestrutura como, por exemplo,

hidrovias e Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) que podem causar impactos ainda não compreendidos a todo o ecossistema".

Já o professor José Sabino, da Universidade Anhanguera de Mato Grosso do Sul (Uniderp), alerta sobre o risco da implantação das Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) no Pantanal: "Na Bacia do Alto Paraguai há planejamento de se construir perto de 115 PCHs. Isoladamente elas causam pouco impacto, mas em conjunto podem criar um impacto sem precedentes à hidrodinâmica do pulso de inundação do Pantanal, vital para os ciclos naturais da planície pantaneira".



**Eduardo Pereira**  
Produtor Cultural  
@weiss\_guru

Fontes: <http://www.oeco.org.br> | <https://www.wwf.org.br/>





# QUEM SÃO OS RACIALISTAS NO BRASIL?



É a pergunta que nos vem quando lemos o artigo publicado na Folha de São Paulo, em 16/12/2017, do escritor Antonio Risério, no qual ele acusa ativistas do movimento negro de implantar um “apartheid amoroso-sexual”, faz sua defesa do fenômeno e da prática social da miscigenação à brasileira como parte da formação do país, sem tocar no tema do racismo e nas suas profundas implicações na cultura brasileira.

Ao destacar a diferença entre a miscigenação biológica e o que chama de ideologias da mestiçagem, o autor cai na armadilha das mesmas ideologias que ataca. Sugere que a crítica feita pelos movimentos negros, da mestiçagem como dominação política, nasce não do enfrentamento a um modelo de poder e da hegemonia ra-

cializada e eugenista de um grupo populacional sobre outro, mas de influências externas.

O autor parece não perceber – ou não quer ceder a esta leitura – o uso social da prática da miscigenação e da população de mestiços, como parte da operação racial brasileira, que relega pretos e pardos/mestiços às mesmas condições de vida na sociedade brasileira, em uma verdadeira apartação social. Cumprindo o Estado brasileiro com uma parte desta operação de poder e dominação racial.

Sim, a mestiçagem biológica é parte da história do Brasil como o é, de resto, em quase todas as sociedades humanas. A questão que se coloca é: qual o papel dos mestiços na sociedade brasileira? E qual o uso que o Estado e a sociedade fazem dessa identidade. Tema ex-

posto de forma brilhante na obra *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil* do antropólogo Kabengele Munanga, que parece não ter sido bem lida pelo autor do artigo em tela.

A. Risério é muito rápido e raso. Propõe que a racialização, histórica na vida da República, é produto da ação do movimento negro; ataca luminárias da vida pública brasileira; faz uma leitura rasteira – e raivosa – da vida e obra de Abdias do Nascimento e, de quebra, oferece à leitora uma pequena fresta de onde se pode ver suas preocupações com o que chama de “apartheid amoroso-sexual”, “lugar de cama”, “segregação erótica”.

Uma evidente continuidade à leitura que vastos setores da elite nacional têm de nosso país como um lugar onde o congraçamen-

to sexual interétnico permitiria ao Brasil o título de oásis da democracia racial. Aqui temos um ponto fulcral para pensar os efeitos do racismo brasileiro.

Não, os movimentos negros não criaram e nem propõem a racialização e a apartação racial. Inclusive a crítica ao racismo cientificista do século XIX foi estabelecida no Brasil também por intelectuais negros com origem ou forte aproximação aos movimentos negros. Assim como a crítica à apartação social dos negros é pauta política

constante nas lutas encabeçadas pelos movimentos negros no Brasil.

O autor do artigo parece ter dificuldades em respeitar a demarcação da identidade política da coletividade engendrada no contexto dos movimentos negros, que disputa o direito de ancorar suas reivindicações pelo direito integral à cidadania a partir da crítica a um regime de exclusão que nasce da matriz colonial, escravocrata e racista que – desafortunadamente – deu base à sociedade brasileira contemporânea.

Temos que enfrentar o racismo estrutural, sistêmico. Porque ainda que certa ideologia afirme um Brasil miscigenado, quem é negro – ou quem estuda os dados da violência – aqui sabe que racismo mata.



**Iêda Leal**  
Vice Presidenta do Sintego  
Secretária de Combate ao  
Racismo da CNTE  
Conselheira do Conselho  
Estadual de Educação –  
CEE/GO  
Coordenadora do Centro  
de Referência Negra Lélia  
Gonzales  
Coordenadora Nacional do  
Movimento Negro Unificado  
– MNU  
Vice Presidenta da CUT –  
Goiás

Centro de Referência Negra Lélia Gonzalez  
Comissão Permanente de Políticas de Igualdade Étnicorracial/IFG  
Núcleo de Estudos das Relações Raciais, de Gênero e Africanidades/IFG  
Secretaria de Combate ao Racismo  
Negritude Socialista Brasileira/NSB  
Conselho de Igualdade Racial do Estado de Goiás  
Fórum de Mulheres Negras do Estado de Goiás  
Movimento Negro do Centro Oeste na luta contra os racistas.

ARTE  
RELACIONAMENTO  
CRIATIVIDADE TAMANHO  
SUSTENTABILIDADE  
**IMAGEM**

CONTEÚDO QUALIDADE

**ESTÉTICA**

FORMATOS

COMPROMISSO

PONTUALIDADE

CRIAR CORES



nossagráfica



gráfica e editora

*uma visão infinitamente nova*

## CASTANHEIRA-DO-BRASIL: ENTRE A VIDA E A MORTE



Fotos: Fernando Jose Cantele.

Há sete anos venho trabalhando com pesquisas arqueológicas no âmbito do licenciamento ambiental, e em todo esse tempo tive o privilégio de conhecer alguns estados da Amazônia brasileira, entre eles Acre, Rondônia e Pará, percorrendo diversas paisagens, entre florestas, montanhas e pastagens.

Durante o trabalho, sempre realizo o registro fotográfico das paisagens por onde passo. Em uma das viagens, em junho de 2016, percorri uma boa extensão de áreas rurais de alguns municípios nas margens da rodovia transamazônica, entre elas Pacajá e Novo Repartimento, no estado do Pará. Observei diversas castanheiras isoladas, de todas as formas e tamanhos, lutando por sua sobrevivência em meio

ao avanço do desmatamento e das pastagens.

Comecei, então, a fotografar diversas castanheiras. Tento, assim, expor o contraste entre a vida e a morte da castanheira-do-Brasil, entre o avanço do “progresso” e o desenvolvimento econômico, em detrimento da destruição da árvore-símbolo de uma floresta. Em cada estrada percorrida, em cada curva ou trilha, o que se vê é uma imensa solidão de árvores que anseiam por suas florestas e, não suportando mais o isolamento, se entregam à morte. Por isso, é uma solidão que mata, e o que resta são somente verdadeiros cemitérios de castanheiras.

A castanheira-do-Brasil (*Bertholletia excelsa*), árvore alta e de beleza única, encontrada exclu-

sivamente no bioma Amazônia, vem sofrendo com o desmatamento desenfreado e o aumento das áreas de pastagem. Algumas castanheiras ainda resistem, apesar de todo o impacto, em meio à imensidão das áreas desmatadas, enquanto que de outras resta somente o seu esqueleto, de cor cinza, às vezes esbranquiçada, lembrando ossos totalmente desprovidos de vida.

### Fernando José Cantele

Graduado em História, com formação complementar em arqueologia, cursando especialização em Cultura Material e Arqueologia. Atua há oito anos com arqueologia preventiva no âmbito do licenciamento ambiental.





## 2018: O ANO DO DESENLACE

Emir Sader

Completamos três anos inteiros de profunda e intensa crise, desatada pelo projeto de desestabilização da democracia, levado a cabo pela direita brasileira. Ao final de 2018 o Brasil será de novo um país democrático e soberano ou estará condenado a ser um país subjugado aos interesses das elites e do Império por muito tempo.

2015 e 2016 foram os anos do auge da preponderância do projeto golpista, que instalou o governo mais antipopular e antinacional da história do país. 2017 foi um ano de transição, em que a agenda nacional mudou, tendo como reflexo o aumento constante da popularidade de Lula. 2018 será o ano do desenlace da crise, em que as

duas soluções que disputam o destino do país se enfrentarão, cara a cara. Uma delas triunfará, a outra será votada à derrota por muito tempo.

O desenlace se dará pela disputa na sucessão do governo golpista. A solução democrática passa pela eleição do Lula, pelo referendo revogatório, talvez pela convocação de uma Assembleia Constituinte, pelo retorno do direito popular de definir o destino do país, pela eleição de um Congresso representativo do povo brasileiro.

Essa via conta com a força de massas e a liderança política do Lula. A alternativa da direita conta com o Judiciário e com a mídia que, mancomunados, armaram o

golpe e agem para a perpetuação do regime de exceção atual.

Caso a direita consiga, por alguma variante, se perpetuar no poder, o país terminará de ser desmontado, virará definitivamente uma republiqueta, dirigida por uma elite que se enriquece com a especulação financeira, com um regime de exceção que se impõem pela força da mídia, das armadilhas jurídicas, da repressão, com a desigualdade, a exclusão social, a injustiça, a miséria e a fome imperando.

O Brasil terá perdido toda a primeira metade do século XXI. Voltará a ser o país mais desigual e injusto do mundo, desaparecerá do cenário internacional, será de

novo vassalo dos EUA. Será governado por presidentes fantoches como o atual, com um povo oprimido e sem esperança.

Mas se o povo decidir democraticamente quem será o presidente do Brasil, o caminho será muito diferente, oposto, antagônico a esse. O país poderá retomar a democracia, o modelo de desenvolvimento econômico com distribuição de renda, as políticas de fomento à educação e à saúde pública, poderá promover a democratização dos meios de comunicação, entre tantos outros avanços.

No mesmo ano, outros países

da América Latina terão eleições, entre eles dois dos mais importantes – o México e a Colômbia. Será possível para um Brasil soberano rearticular as políticas de integração regional com governantes progressistas, além dos que continuarão no governo, como os do Equador, do Uruguai, da Venezuela. A própria Argentina se aproximará em termos econômicos do Brasil.

O país não suporta mais a crise gerada pela postura golpista da direita brasileira e se aproxima do desenlace dessa crise que já dura 3 anos. A batalha pelo direito do Lula ser candidato se

prolongará por boa parte do próximo ano, se confundindo com a defesa da democracia e com a própria campanha eleitoral, fazendo desta uma campanha *sui generis*. O direito do Lula ser candidato coincide com a derrota da judicialização da política, que pretende ocupar o lugar da soberania popular para decidir os destinos do país.

No final de 2018 teremos o destino do país decidido: pela via da prolongação, por muito tempo, do regime de exceção, ou pela recuperação da democracia. De qualquer maneira, 2018 será um ano decisivo na história do Brasil.



**Emir Sader**

Sociólogo  
Autor do livro "O Brasil que  
queremos."



## A CHEGADA DOS PEREGRINOS DO ALVORECER AOS JARDINS DAS PLANTAS TORTAS NOS CHAPADÕES CENTRAIS DO BRASIL

Altair Sales Barbosa

Por volta de 12.000 A.P., muitas das paisagens que hoje caracterizam o Continente Americano, e a América do Sul em particular, ainda não existiam na forma que existem atualmente.

O planeta Terra vivia o final da glaciação Pleistocênica. Havia muita turbulência. As correntes oceânicas possuíam raios de abrangência diferentes dos atuais, refletiam de forma decisiva nas correntes atmosféricas que, aos poucos, foram modelando as paisagens continentais, consolidando alguns biomas e modificando drasticamente outros. Era a aurora de uma nova era geológica conhecida como o Holoceno.

O planeta estava se aquecendo. As geleiras do Ártico despencavam em blocos sobre o mar ou provoca-

vam sulcos medonhos no interior dos continentes pelas correntes das águas derretidas. O nível do mar estava subindo e tomando lentamente as partes expostas do que hoje constituem as plataformas continentais. Com isso, a mecânica dos rios foi mudando, transformando-os em cursos d'água menos velozes e mais largos, brindando oportunidades para a formação de planícies de inundação e lagoas marginais.

A temperatura, entretanto, era mais baixa que os padrões atuais. Os ventos de junho e julho provocavam as friagens na parte central da América do Sul, um fenômeno tão forte que causava muitas mudanças de comportamento na fauna nativa.

Por falar em fauna nativa, nessa época ainda existiam, nos chapadões centrais da América do Sul, elefantes, conhecidos como *Haplomastodon*; preguiças gigantes, conhecidas como *Eremotherium*; tatus gigantes, conhecidos como *Gliptodontes*; e tantos outros gigantes que compunham a megafauna da América do Sul. Perseguido esses animais, existia um grande carniceiro, oriundo da América do Norte, conhecido pelo nome popular de tigre-dentes-de-sabre, grande felino do gênero *Smilodon*. Uma fauna de médio e pequeno porte partilhava seus nichos e ecossistemas. Alguns desses animais de médio e pequeno porte conseguiram viver até os dias atuais.

O Cerrado, com seus diversos

ambientes, já existia em toda a sua plenitude e servia de acolhida, como uma manjedoura, para toda a diversidade da fauna, desde os mamíferos até os pequenos insetos polinizadores. Foi nesse cenário que os primeiros seres humanos chegaram ao interior da América do Sul.

Tratava-se de um grupo pequeno, composto de quatro a cinco famílias nucleares, tendo, ao todo, de dez a vinte pessoas, incluindo crianças. Pelo que se conhece acerca do comportamento de grupos caçadores e coletores, essa população chegou ao alvorecer. Certamente veio verediando pelo alcantilado de alguma serra, atraída pelo aroma adocicado dos cajuzis.

A claridade já permitia a visão de um céu azulado e uma brisa temperada tal qual um manto de algodão que cobria de calor aqueles corpos maquiados com cinzas. Enquanto o sol ia irradiando seu clarão, aquela gente pôde enxergar um pequeno córrego de águas límpidas. Mais ao longe se descortinavam as brumas brancas de uma pequena cachoeira. Bem próximo, uma lagoa e, mais distante, um rio de águas correntes parecia indicar que ainda existiam outros caminhos.

Aqueles humanos sentiam-se quase que alucinados diante de tal abundância. Ao olharem mais adiante, avistavam a testa esbranquiçada de um paredão de arenito.

Sua intuição os conduziu ao local. Ali, encontraram vários abrigos naturais. Nos taludes desses, mais embaixo, sempre havia uma mina d'água de excelente qualidade. Talvez o sonho do paraíso estivesse naquele momento se concretizando. O local foi batizado pelo nome Jardins das Plantas Tortas, e assim tornou-se conhecido.

Os homens daquele grupo acamparam no abrigo. Providenciaram uma fogueira, reconheceram melhor o ambiente, escolheram locais mais protegidos para as crianças e se distribuíram pelo abrigo de pedra, conforme suas conveniências. E ali permaneceram.

Nos campos havia abundância de caça, ora mais, ora menos concentrada, de acordo com a época do ano. Nos ribeirões e nas lagoas, havia muitos peixes. Nas vastidões dos cerrados e cerradões, havia, em cada época específica, uma variedade de frutos comestíveis. Também havia uma profusão de meliponíneas, abelhas nativas sem ferrão, que recheavam as cavidades dos paredões, das árvores ou do solo com seus deliciosos potes de mel.

Os descobridores dos Jardins das Plantas Tortas tinham à sua disposição proteína animal, vitaminas diversas oriundas dos variados frutos e açúcares provenientes do mel silvestre. Sua dieta ainda era

complementada pela cata de ovos e pelo consumo de alguns insetos ou por suas larvas. A sobrevivência era ainda presenteadada com espécies lenhosas para as fogueiras e com uma variedade de matéria prima mineral, que utilizavam para fabricar instrumentos.

Não se sabe ao certo se os Peregrinos do Alvorecer usavam algum tipo de vestimenta. Entretanto, é de se supor a existência de algum agasalho confeccionado com couro, principalmente de cervídeos, que lhes servia de proteção contra as friagens. Seu grande arsenal de ferramentas de pedra bem trabalhadas ressalta a presença maciça de raspadores encontrados com marcas de sangue, sugerindo uma associação com o preparo do couro.

O que pode se concluir dessas inúmeras observações é que os efeitos do final da era glacial, tão marcantes noutras partes do planeta, não chegaram a causar modificações bruscas nos chapadões do centro da América do Sul, ocupados pelas vastidões de variedades de cerrados.



**Altair Sales Barbosa**

Arqueólogo. Excertos do livro "O Piar da Juriti Pepena - Narrativa Ecológica da Ocupação Humana no Cerrado". Sales, Altair [et al]. Editora PUC-Goiás, 2014.



# RESISTIR É PRECISO

NO CAMPO DAS TELECOMUNICAÇÕES  
FIZERAM DE TUDO PARA ENTREGAR NOSSO  
ÚNICO SATÉLITE NACIONAL.

O impeachment da presidenta Dilma Rousseff marcou o ano de 2016. A Constituição Federal foi rasgada e, no lugar da presidente legitimamente eleita, os representantes do mercado colocaram um capacho do capital para implementar medidas como o corte dos direitos dos trabalhadores, aprofundamento da terceirização e, em particular no setor de telecomunicações, colocar a pá de cal sobre o que havia restado de obrigações com a sociedade.

É um projeto que segue acelerado. Agora tentam arrumar deputados e senadores que aceitem as mudanças danosas à previdência pública. A chamada grande mídia, que apoiou e apoia o golpe, continua mentindo.

No campo das telecomunicações fizeram de tudo para entregar o nosso único satélite nacional. Felizmente, até agora, fracassaram. A trama em relação ao crime que o PLC 79/16 engendra no setor de telecomunicações, garantindo a inexistência de licitação para a transferência dos bens reversíveis e a renovação eterna do espectro de frequências e das posições orbitais de satélites, parece que continuará em 2018.

O Congresso Nacional, subserviente aos interesses

das concessionárias Claro, Vivo e Oi, esteve prestes a aprovar o PL 79/16, com o apoio entusiasmado da Anatel e do governo golpista. Mas a resistência das organizações da sociedade, entre elas o Clube de Engenharia e o Instituto Telecom, além de parlamentares progressistas, tem conseguido impedir a consumação do crime.

Não é uma questão interna do setor de telecomunicações, ao contrário. É um ataque flagrante aos interesses da sociedade, principalmente daqueles que dependem da União para ter seus direitos como cidadãos garantidos pelas operadoras.

Sem a imposição de obrigações, a concentração da banda larga nas três operadoras – que hoje dominam mais de 80% do serviço –, será mais acentuada e sua universalização, qualidade e tarifas mais baixas inviabilizadas. Por isso, defendemos que a banda larga seja colocada em regime público.

Exatamente ao contrário dos objetivos das operadoras, que consideram a aprovação do PLC 79 uma panaceia. Realmente é, mas para seus acionistas e não para a sociedade. Receberão R\$ 100 bilhões de bens públicos e reversíveis.

# CARAVANAS: A ESPERANÇA, MESMO QUE SE EQUILIBRANDO, ESTÁ AÍ, E VAI VOLTAR!

Lúcia Resende

Depois de passar pela capital mineira, a turnê Caravanas, de Chico Buarque de Holanda, fez desembarque no Rio de Janeiro, neste comecinho de 2018.

A estreia no Rio, na noite do dia 4, foi apoteótica. Nossa mesa, na primeira fila, me trouxe a possibilidade de ver Chico bem ali na minha frente, quase um deus, com aqueles olhos de mar tragando a plateia. Homens, mulheres, todxs, sem distinção, em atitude de reverência ao ser humano, ao artista, ao brasileiro Chico Buarque de Holanda.

Eu, de tão emocionada (desculpem, mas perco mesmo até a postura!), mal consegui fazer alguns registros. E lá veio ele, cantando, sambando, lembrando e entremendo as músicas de Caravanas.

Na música título, não houve como não fazer pequena digressão com os versos “filha do medo a raiva é mãe da covardia” pra pensar nesse ódio gratuito que grassa por aí. E pensar até que a doida sou eu, não deve haver gente tão insana... Mas foi breve, porque impossível não me arrepiar e não permanecer com os olhos fixos e os ouvidos em estado de alerta máximo durante aquelas exatas duas horas.

O show terminou, e Chico se foi caminhando com aquele passinho curto para os bastidores. Pedimos mais um, gritamos volta, Chico, mas foi só quando a plateia em coro gritou bem alto “FOOOra, Temer”, que ele voltou, com Geni e o Zepelin. Cantou mais um tantinho, e o pano fechou.

De repente, ao fundo, na plateia que não queria sair dali, um grupo começou aquela música que não sai dos ouvidos do povo: “Olê, olê, olê, olá, Lula, Lula!” Foi a senha pra que o coro se formasse, pra que soltássemos as vozes, e pra que ele viesse novamente, olhos mais brilhantes ainda, cantando seu Partido Alto, um chamado expresso à indignação.


Naquele instante, a gente sentiu que pode demorar um tiquinho, que nada é pra já, mas que a esperança, mesmo que se equilibrando, está aí, e vai voltar!



ANOTE AÍ: O show Caravanas permanece no Rio até 4 de fevereiro. Em março, a temporada será na capital paulista. A partir daí, deve seguir pra outras capitais, inclusive Brasília, onde deve chegar ainda no primeiro semestre de 2018.



**Lúcia Resende**  
Professora

 @mluciares

# A CASA DO RIO VERMELHO

Laurenice Noieto



Na Casa do Rio Vermelho a arte está nos Caribés pendurados, no chão salpicado de cacos quaisquer cobrindo caminhos que entremeiam o quintal, que é jardim e bosque. Está nos cestos de palha do teto da cozinha, na biblioteca escancarada, na estante das bonecas de pano que têm caras e nomes, nos pratos de iguarias da cozinha baiana e por todo canto de todos os cantos, misturados aos cantos dos pássaros que continuam a cantar. Zélia e Jorge Amado? Presentes!



## ANOTE AÍ:

A Casa do Rio Vermelho é o local onde viveu Zélia Gattai (1916-2008) e Jorge Amado (1912-2001), no número 33 da Rua Alagoinhas, no bairro do Rio Vermelho, em Salvador, na Bahia. Desde 2015, a casa, comprada em 1961 e fechada em 2003, tornou-se um memorial aberto ao público, graças a uma parceria entre os herdeiros e herdeiras do casal e a Prefeitura de Salvador. Com seus 20 espaços temáticos, vídeos, efeitos de som e interatividade com o público, o memorial conta histórias da vida de Jorge e Zélia, que viveram apaixonados por mais de 50 anos. Dentre elas, a história do jardim onde foram depositadas as cinzas dos dois escritores.





Cultivo é feito pelos próprios estudantes, que aprendem a usar os recursos naturais de forma bem mais consciente e responsável

Fotos: Deva Garcia



Adubo utilizado no plantio é feito de forma sustentável. Restos da merenda escolar são encaminhados para o minhocário e em seguida usados nas plantas



# Rastros no Cerrado: tecnologias sustentáveis

*Projeto desenvolvido pelo Centro de Ensino Fundamental 12 de Ceilândia trabalha ações que priorizam o uso de recursos naturais de forma responsável e solidária*

Em tempos de consciência ecológica, o projeto Rastros no Cerrado promove a questão ambiental de forma racional, solidária e consciente. Implementado pelo Centro de Ensino Fundamental 12 de Ceilândia como um complemento pedagógico, o projeto chega ao seu terceiro ano trazendo como objetivo principal sensibilizar estudantes e a comunidade escolar para ações que possam priorizar o uso de recursos naturais de uma forma responsável e solidária, tendo reflexos diretos na qualidade de vida.

Para o coordenador do projeto, Professor Egbert Amorim Rodrigues, o tema consumo sustentável não é tarefa fácil, pois lida não apenas com adolescentes, mas também com seus familiares, com questões culturais

e também com leis ambientais e/ou políticas públicas que não condizem com a realidade dos estudantes. "Essa é uma maneira de socializar e trazer para a escola essa discussão, trabalhando esse conteúdo em ligação com outras áreas do conhecimento. Por exemplo com o Português, quando fazemos a leitura de livros específicos e quando confeccionamos cordel ou gibis para abordar o assunto. Em matemática, fazemos uma análise mais crítica, analisando a conta de água, os gráficos gerados a partir da pegada ecológica, por aluno e por turmas de toda a escola", diz o professor.

A partir desta preocupação, o projeto trouxe como tema este ano as tecnologias sustentáveis, mostrando a importância

da reutilização da água da chuva, da destinação correta dos resíduos sólidos e do incentivo à produção de alimentos orgânicos através do sistema agroflorestal para cultivar o respeito ao meio ambiente. "Tudo isto tem uma importância pedagógica muito grande, além de mostrar aos alunos que podemos plantar sem agredir o meio ambiente. Nós ainda desenvolvemos o uso de energia de uma forma mais racional e promovemos ações sobre mobilidade urbana e alimentação saudável para focar na questão da redução dos aditivos alimentares", ressalta Egbert Amorim.

Outra preocupação do projeto é dar a oportunidade às pessoas repensarem seu consumo a partir de suas atitudes e comportamentos, observando o impacto que pode ser gerado no nosso bioma, que é o cerrado. "Este projeto é muito importante porque nos ensina a ser mais sustentáveis. Com a crise hídrica e a crise global, repensar nossas atitudes e respeitar o meio ambiente é essencial para o futuro do nosso planeta", explica o estudante Davi Silva. "Como as

técnicas que utilizamos no plantio são sustentáveis, não agredem a natureza e o mundo. Além disto, aproveitamos a água da chuva, colaborando com a economia de água", complementa a estudante Maria Eduarda.

"Vivemos em uma sociedade de consumo em que muitas pessoas ingerem alimentos industrializados, além de percebermos o desperdício de alimentos, gerando uma enorme quantidade de resíduos. As tecnologias que utilizamos no projeto trabalham junto com a natureza, respeitando seus ciclos e preservando as formas de vida. No âmbito geral, apesar de várias pessoas conhecerem um pouco sobre estas tecnologias, muitas ainda não as utilizam. Com o Rastros no Cerrado, mostramos que é possível plantar sem degradar a natureza", finaliza o professor Egbert Amorim.





## FESTA DO MARMELO NO QUILOMBO MESQUITA:

RESGATE DA TRADIÇÃO MARMELEIRA NO PLANALTO CENTRAL

Zezé Weiss

Desde o ano da graça de 2002, todo segundo domingo de janeiro tem Festa do Marmelo no Quilombo Mesquita, localizado na área rural do município de Cidade Ocidental, a cerca de 50 km da Esplanada dos Ministérios em Brasília.

Já em sua 16ª edição, a festa, que começou como forma de a comunidade arrecadar dinheiro para a construção da igreja de sua padroeira, Nossa Senhora da Abadia, resgata a tradição da produção marmeleira no Planalto Central.

Segundo o historiador Jesus Benedito de Melo, do Instituto Cerratense, na comunidade do

Quilombo Mesquita, reconhecido pelo governo federal como terra remanescente de Quilombo, vivem cerca de 300 famílias que cultivam, dentre outras culturas, cana de açúcar, laranja, goiaba e marmelo.

Citando Liciane Carvalho, Melo informa que o marmelo foi trazido de Portugal, no século XVIII e chegou ao sertão do Goiás com os boiadeiros. "Além da tradição do cultivo, o marmelo representa fonte de recurso externo e sustentável da comunidade, preservando a herança cultural local, uma vez que boa parte dos moradores da comunidade são remanescentes

de escravos do Quilombo do Mesquita, formado na época áurea da mineração no Arraial de Santa Luzia (hoje Luziânia), ao longo dos séculos XVIII e XIX", registra o historiador.

Em 2018, a festa começa no sábado, dia 13 de janeiro, logo pela manhã, por volta de 8 horas, com a Grande Cavalgada do Marmelo, e termina no domingo, dia 14, com a tradicional Missa das 10 horas, seguida do também costumeiro almoço temperado a Leilão e a deliciosa sobremesa do Doce do Marmelo, a famosa Marmelada de Santa Luzia, produzida na comunidade.



## MARMELEADA DE SANTA LUZIA

Como se faz a Marmelada de Santa Luzia? Entre janeiro e fevereiro, as famílias quilombolas, descendentes de pessoas que foram escravizadas no Brasil colonial, colhem o marmelo Português (*Cydonia oblonga Mill*), plantado nos quintais.

Depois, durante todo o ano, com os frutos pré-cozidos e armazenados em latas, é feito o doce de marmelo, em boa parte ainda em tachos de cobre tradicionais, com uma receita passada de mãe e pai pra filho e filha, há várias gerações, em uma tradição que, segundo estudiosos, remonta ao surgimento do próprio Quilombo, entre os séculos 17 e 18.

As próprias famílias de agricultores e agricultoras do Quilombo que se dedicam à produção do doce são também as que produzem as charmosas caixinhas de madeira nas quais é vendida a Marmelada de Santa Luzia, no próprio Quilombo, na região e nos restaurantes de estrada no trajeto Brasília-Goiânia.



**Zezé Weiss**  
Jornalista  
Socioambiental  
@zezeweiss

# SER FELIZ... PARA SER BONITA

Clarice Lispector

As pessoas que se comprazem no sofrimento, que gostam de sentir-se infelizes e fazer aos outros infelizes, jamais poderão orgulhar-se de sua beleza. O mau humor, o sentimento de frustração marcam a fisionomia, apagam o brilho dos olhos, cavam sulco na face mais jovem, enfeiam qualquer rosto. Essa é a razão porque a mulher, que cultiva a beleza, deve esforçar-se para ser feliz. Felicidade é o estado de alma, é atmosfera interior, não depende de fatos ou circunstâncias externas.

Claro que se o dinheiro falta, se a saúde vacila, se o amor arma alguma cilada, seu desejo de rir será pouco. Mas combata a

depressão. Cultive o bom humor, como quem cultiva um bom hábito. Esforce-se para ser alegre. Afaste os sentimentos mesquinhos que provocam o despeito, a inveja, o sentimento de fracasso, que são origem de infelicidade. Adote uma filosofia otimista, eduque-se para ser feliz. Você o conseguirá. E verá o milagre em sua própria face, nos olhos que adquirirão brilho e vivacidade, na boca que perderá o rictus amargo e ganhará um ar jovem, na pele outra vez clara e macia.

Com o estado de felicidade íntima, a mocidade volta, a beleza reaparece. Seja feliz, se quer ser bonita!



**Clarice Lispector**  
(10/12/1920, Ucrânia - 09/12/1977  
- Rio de Janeiro), em "Correio  
Feminino", organização de Aparecida  
Nunes. Editora Rocco, 2006.

## SINPREFOR PARTICIPA DO SEMINÁRIO DA CONFETAM – 2017

Nos dias 12,13 e 14 de dezembro os dirigentes do Sinprefor participaram do Seminário da CONFEDERAÇÃO DOS TRABALHADORES NO SERVIÇO PÚBLICO MUNICIPAL - CONFETAM. O seminário teve como pauta os Impactos e Desafios da Reforma Trabalhista e Negociação Coletiva; Um Novo Modelo de Organização Sindical para enfrentar os Ataques à classe Trabalhadora e a Democracia; e, no dia 14, o Lançamento da Campanha Salarial 2018, marcado para o dia 18 de janeiro, em assembleia com todas as categorias, onde também será construída a pauta local.

"A participação do Sinprefor neste Seminário foi de grande relevância, pois é importante ouvir e trocar experiências de luta com outros sindicatos do país. Diante da conjuntura que o Brasil se encontra, com ataques aos direitos dos trabalhadores, a todo momento, tanto no âmbito federal, estadual e municipal, a união das entidades sindicais junto aos servidores em defesa dos direitos adquiridos é um grande passo para o fortalecimento visando a luta de classe. Vale lembrar que o sindicato é formado por todos nós trabalhadores e trabalhadoras que diuturnamente prestam serviços de qualidade ao nosso município", disse a presidente Suyenne Borges.

Os dirigentes dos estados presentes - Alagoas, Ceará, Goiás, Espírito Santo, Minas Gerais, Mato Grosso do Sul, Piauí, Paraná, São Paulo, Santa Catarina, Maranhão, Roraima, Rio Grande do Norte e Paraíba - receberam os materiais a serem distribuídos nos municípios e as artes das peças para a inclusão das logomarcas das federações e sindicatos.

"Nós vamos desenvolver a campanha dialogando com a sociedade, com os movimentos sociais organizados, movimento de mulheres, da juventude, negros e negras, LGBTs, todos esses segmentos nós vamos trazer para o centro do debate porque o nosso tema central é juntos e juntas vamos reconstruir o Brasil. Vamos resgatar os direitos que nos foram tirados e vamos impedir que as elites continuem avançando na perspectiva de continuar reduzindo o tamanho do Estado", afirma a presidente da Confutem/CUT, Vilani Oliveira.

Conheça os 13 eixos da Campanha Salarial 2018 dos Servidores Municipais:

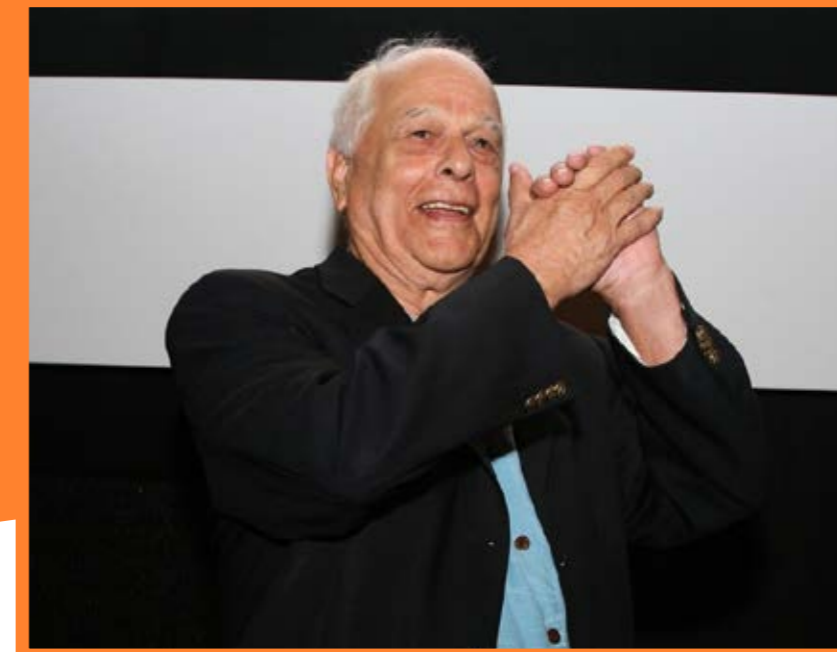
1. Concurso público e estabilidade do servidor concursado
2. Direito a livre negociação coletiva no serviço público
3. Defesa do SUS e do SUAS
4. Financiamento permanente do Fundeb
5. Justiça fiscal e desenvolvimento
6. Não à reforma da Previdência
7. Reajuste do piso dos Agentes de Saúde e Endemias
8. Plano de Cargos, Carreira e Remuneração
9. Educação pública, crítica e libertadora
10. Reajuste salarial acima da inflação
11. Revogação da Emenda Constitucional 95 (congelamento dos gastos públicos por 20 anos), das Leis da Terceirização e da Reforma Trabalhista (13.467/17)
12. Serviço público de qualidade
13. Contra a retirada de direitos



# NELSON PEREIRA DOS SANTOS

Homenageado do 50º Festival de Brasília do Cinema Brasileiro

Gustavo Dourado



Nelson Pereira dos Santos  
Cineasta e professor  
É bacharel em Direito  
Roteirista e produtor  
Escultor da Sétima Arte  
Do Cinema Novo precursor

Ano 1928  
Em São Paulo ele nasceu  
Na Faculdade de Direito  
Na USP ele aprendeu  
Ser advogado não dava  
O cinema empreendeu

Paulo Autran, Madalena Nicol  
Na carreira inicial  
Atuação no teatro  
No cine primordial  
Os Artistas Amadores  
Foi seu grupo teatral

Jornal do Brasil, Diário Carioca  
Jornalista em ação  
No Diário da Noite  
Atuou na revisão  
Em Paris com Joris Ivens  
Fez sua iniciação

Com o filme Juventude  
No cinema principia  
Filma os trabalhadores  
O criador se anuncia  
Em frente com a jornada  
Renovador denuncia

Rio 40 graus  
Primeiro longa-metragem  
O neorealismo italiano  
Presente em sua imagem  
Trouxe calor ao cinema  
Com uma nova mensagem

Vidas Secas, obra-prima  
Do grande Graciliano  
Deu a Nelson o alicerce  
O cinema em alto plano  
Foi premiado em Cannes  
Com destaque soberano

O filme Fome de Amor  
Metafórico-experimental  
Em Azylo muito louco  
Com Machado essencial  
O Alienista no cinema  
Com a loucura tropical

Fez Cinema de Lágrimas  
Cine a experimentar  
Com Godard e Scorsese  
Soube bem documentar  
*British Film Institute*  
Nelson a nos representar

Casa Grande e Senzala  
Série em documentário  
Retratou Gilberto Freyre  
Fez o seu abecedário  
Obra de envergadura  
Nosso Brasil no cenário

Balança Mas Não Cai  
Assistente de direção  
Filme de Paulo Vanderlei  
Nelson em boa formação  
O Saci; Agulha no Palheiro  
Nanni e Viany em ação

Filme Rio, 40 Graus  
Obra de elaboração  
Do compositor Zé Keti  
Fez a apresentação  
Sucesso com A Voz do Morro  
Um esplendor de canção

Em Rio, Zona Norte  
O samba é retratado  
O plágio em evidência  
O criador é renegado  
Espírito da Luz em cena  
Grande Otelo iluminado

Nelson sempre atuante  
Trabalha em produção  
Produz O Grande Momento  
Obra de repercussão  
Do mestre Roberto Santos  
Criador de elevação

Mandacaru Vermelho, Boca de Ouro  
Vidas Secas é monumento  
Reconhecido em Cannes  
Por sua arte e talento  
Conquistou o Prêmio Ocic  
Nelson fez bom movimento

El Justicero na tela  
O filme Fome de Amor  
Na Federal Fluminense  
Lecionou com fervor  
Criou o curso de cinema  
Atuou como professor

Faz Azylo Muito Louco  
Em "O Alienista" baseado  
Obra-prima de um ás  
O instigante Machado  
O Bruxo do Cosme Velho  
Nosso escritor consagrado

Como Era Gostoso o Meu Francês  
Resistência cultural  
Em tempos de ditadura  
Fez ironia visual  
A visão antropofágica  
Do cinema canibal

Nelson pesquisa o Brasil  
Nossa cultura popular  
O Amuleto de Ogum  
Nosso povo a retratar  
Via Tenda dos Milagres  
Estrada da Vida a cantar

Nelson, Memórias do Cárcere  
Dissecou Graciliano  
Relato autobiográfico  
Do escritor, grande arcano  
Terror, desprezo, prisões  
De um sistema tão tirano

A Literatura Brasileira  
Em Nelson é recorrente  
Freyre, Lins, Graciliano  
O real da nossa gente  
As raízes do Brasil  
O povo sobrevivente

Amado, Buarque, Rachel  
O Brasil Interpretado  
Toda a geração de 30  
A verve de Caio Prado  
Impulso a Glauber Rocha  
O cinema novo revelado

Academia Brasileira de Letras  
Seu nome é reconhecido  
Cadeira 7, Castro Alves  
Que foi poeta atrevido  
O Poeta dos Escravos  
Em Nelson tem refletido

Nelson Pereira dos Santos  
Atuou e fez montagem  
Fez produção e roteiro  
Um artesão da imagem  
Deu aulas e navegou  
Além da terceira margem

Nelson desvela a miséria  
Expõe as contradições  
Narra e dramatiza  
Socializa as questões  
Vai do morro ao asfalto  
Do cerrado aos sertões...



**Gustavo Dourado**

Poeta, Escritor,  
Presidente  
da Academia  
Taguatense de Letras.



Foto: guapuruu.leco.br

Luís da Câmara Cascudo

# A LENDA DA DANÇA DOS TANGARÁS

Todas as lendas têm a sua origem na vida real e são um reflexo do nosso espírito. As florestas estão cheias de abusões e fantasmagorias, criadas pela ideia sempre inventiva de nossos caboclos. Até as danças serviram de pretexto à invenção de uma das lendas mais interessantes do Paraná. Floriu na marinha. Em Guaraquessaba.

Certa vez, um viajante foi até aquela vila. Sol a pino. Desembarcando da frágil canoa, o canoieiro seguiu abrindo caminho na floresta, por um carreiro zi-

guezagueante. Reinava em tudo um grande silêncio, o silêncio modorrento da canícula.

O viajante ia atrás admirando a paisagem e a pletera da floresta cerrada. Iam silenciosos, quando de repente o canoieiro parou e fez sinal de cautela ao canoieiro, para que pisasse sem ruído. Que seria? Pé ante pé, o excursionista veio vindo, veio vindo, e surpreendeu este quadro, para ele inédito: Oito ou nove passarinhos, de cor azulada e crista vermelha, trinavam e bailavam nos galhos de uma ár-

vore quase desfolhada. Um dos pássaros, o chefe, estava pousado num ramo superior e executava, harmoniosamente, um canto suave, com as penas encrespadas pela volúpia da modulação, a cabeça esticada, o bico entreaberto.

Quando terminou este solo, romperam os outros em coro.

Houve, depois, um descanso rápido, em que os orquestrantes começaram a saltitar, de dois em dois, numa espécie de quadrilha. A um apelo do chefe, retomaram seus lugares.

Recomeçou o chilreio, pondo-se o chefe a bailar, indo e vindo de um galho para outro. Enquanto isto, os bailarinos voavam, cantando, uns por cima dos outros, revezando-se, de modo que os primeiros ficavam atrás dos últimos, e estes atrás dos primeiros. Era um encanto vê-los!...

Curioso, o viajante quis ver mais de perto a dança. Mas fez ruído. E com isso, os pássaros fugiram, de súbito.

- Que passarinhos são estes, indagou o romeiro, apontando para o rumo em que desapareceram.

- O Povo chama de Tangarás - informou o canoieiro - mas pro sinhô eu vô conta: São os fios do Chico Santos.

O viajante não entendeu o resultado daquela revelação e inquiriu:

- Filhos de quem?
- Eu lhe conto o causo - disse

o caboclo, acendendo seu cachimbo. Não vê que havia danças nestes matos uma família de dançadores. Eram os fios do Chico Santos. Que gente pra gostá de dança! Dançavam por nada. Fandagueavam até nas roça, interrompendo o trabalho. Batiam os tamanco no chão quase toda noite. Uma veis, meu sinhô, távamo na Semana Santa! Pois não é que a rapaziada inventô de fazê um fandango? E feis. Dançaram intê de manhã. Mas Deus, que vê tudo, castigô os dançarino. E sabe o que feis?

- ?

- Deu a bexiga nos fios do Chico Santos. E cada um que ia morrendo ia virando passarinho. E agora andam aí cumprindo o seu fado... O meu avô sabia dessa história, por isso nós nunca dançamo na quaresma.

E concluiu, num longo suspiro de piedade: - Quem mandô eles dançarem na Semana Santa?



**Luís da Câmara Cascudo**

(1898 - 1986) Geografia dos Mitos Brasileiros. 3ª Edição. Editora Global, 2002.

“

**O LAZER,  
EIS A MAIOR  
ALEGRIA  
E A MAIS BELA  
CONQUISTA DO  
SER HUMANO**

”



Segundo o poeta, crítico de arte e dramaturgo francês Remy de Gourmont: “o lazer, eis a maior alegria e a mais bela conquista do ser humano”, se é a maior é difícil quantificar, mas é uma das mais prazerosas, com certeza. É com esse sentimento que o Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Goiás, SINTEGO, oferece aos seus afiliados um belíssimo e bem estruturado Clube do SINTEGO, na cidade de Caldas Novas, em Goiás.

O Clube do SINTEGO de Caldas Novas contrasta a modernidade de suas dependências com a beleza natural do cerrado goiano. O clube tem amplo espaço, e possui: Área para acampamento, piscinas de água aquecidas, bar, quadra poliesportiva, sauna, parque infantil, campo de futebol e salão para confraternização.

E o ano será de grandes lutas, já que sofremos um profundo golpe nos primeiros dias deste 2018, sob a batuta do presidente ilegítimo! Michel Temer sancionou a Lei Orçamentária Anual (LOA), com apenas um veto à proposta enviada pelo Congresso.

Os parlamentares apresentaram duas emendas na votação do Orçamento no Congresso que previam uma verba complementar de 1,5 bilhão de reais ao Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica – FUNDEB, para além do repasse mínimo de 10% de complementação da União.

Este recurso extra aprovado no Congresso seria uma verba destinada, basicamente, para ajudar no pagamento do Piso Salarial Profissional Nacional do Magistério Público da Educação Básica (PSPN) e despesas com a EJA (Educação de Jovens e Adultos). Mais uma vez Temer colocou em curso o desmonte da educação ao vetar justamente as duas emendas.

Por essas e outras que o descanso é mais que merecido, é necessário, para os trabalhadores e trabalhadoras que são responsáveis pela educação de milhares de goianos. A educação é a base de uma sociedade, e é com essa determinação pela construção de um futuro melhor para todos, que mesmo com dificuldades, os profissionais da educação em Goiás trabalham mesmo com as enormes adversidades confrontadas dia após dia.

Mas tudo isso não tira o fôlego dos trabalhadores e trabalhadoras da educação em Goiás. Continuaremos fortes em 2018, e que seja repleto de alegrias, prosperidade, amor, direitos reconquistados e força para lutarmos juntos pelo futuro do país através da educação.

**SINTEGO**  
GENTE QUE TRABALHA A EDUCAÇÃO  
SINDICATO DOS TRABALHADORES EM EDUCAÇÃO DE GOIÁS

filiação à

**CUT**  
BRASIL  
**CNE**

EDUCAÇÃO  
PÚBLICA  
GOIÁS

SOMOS  
FORTES  
SOMOS  
CUT

30  
ANOS



Foto: Tashka Yawanawa

# RAPÉ: IMPORTANTE MEDICINA DO SAGRADO INDÍGENA

Jairo Lima

Certo dia deparei-me com uma questão inusitada: uma autoridade quis saber se eu tinha conhecimento sobre os “brancos” estarem comprando rapé dos indígenas para misturar com cocaína a fim de vender nas cidades como o nome de “rapé batizado” e, assim, prender seus usuários no costume e, por conseguinte, aumentar as vendas.

Confesso que fiquei com vontade de rir da pergunta, mas como estávamos em uma reunião formal, controlei essa vontade minha. Tentei, em linhas gerais, explicar ao inquiridor sobre esse produto, que faz parte das chamadas “medici-

nas” dos povos indígenas, não só de nossa região, como também de várias partes da América.

Expliquei, ainda, os diferentes “tipos” de rapé (palavra francesa, que significa “ralar”, “raspar”) hoje vendidos por quase todos os povos indígenas de nossa região, e também por algumas comunidades extrativistas da floresta. E assim encerramos o assunto.

O rapé, cuja designação francesa diz muito pouco sobre sua verdadeira essência para os povos indígenas, aliado com outras importantes medicinas naturais, como a *sananga*, o *kambô*, o *Uni* e

o *ananate*, compõe a farmácia de possibilidades de equilíbrio, tratamento e cura do espírito e do corpo.

Seu uso há muito extrapolou as fronteiras das aldeias, tornando-se cada vez mais o produto de uso social no meio urbano, principalmente entre pessoas jovens. Aqui no Juruá são muitos os relatos, inclusive em jornais locais, sobre estudantes que levam seu potinho de rapé e seu *curipe* (que é o aplicador individual de rapé) para a escola. Também entre os indígenas, seu uso cresceu bastante nos últimos anos, tornando-se comum vermos nas aldeias os que andam sempre

com um *curipe* preso ao pescoço ou um *tipi* sobressaindo-se de dentro de suas bolsas.

O rapé, além de medicina tradicional, representa uma verdadeira ciência dos povos indígenas, tendo toda uma mística em seu feitiço e aplicação. E até quando utilizado socialmente, não se desliga de sua natureza mística. Isso porque os indígenas quando o usam atentam para algumas “regras” básicas que instintivamente seguem. É algo que está presente no momento em que pegam seu *curipe* ou o *tipi*.

Nessa ciência, as técnicas de uso vão desde o sopro até os pensamentos e energias que devem ser invocadas. Ou seja, não se trata só de “soprar com mais ou menos força”, para obter consequências benéficas, quando bem utilizadas, ou altamente negativas para o *yuxin* do indivíduo, quando não se seguem os ritos específicos.

Mas, sabe como nós *yurá* somos, né? Na opinião de alguns velhos e sábios *txai* é impressionante como a coisa banaliza-se quando o rapé se torna a moda *new age* do momento, nessa nossa sociedade carente de mestres ou gurus, sempre precisando de um guia que instrua e mostre os caminhos a seguir. Já vi algumas figuras apagadas e confusas que andaram fazendo vivências nas aldeias daqui e, tempos depois, passaram a ter seguidores e a serem chamados de “padrinho” ou mestre quando voltaram às suas cidades.

E o que isso tem a ver com o rapé? Bem, creio que tem muito a ver. Observo que esses ditos “mestres” sempre alardeiam o mesmo roteiro de vida: receberam o conhecimento milenar das mãos de algum grande *xamã* (ou pajé ou mestre) que revelou os segredos de seu povo. A partir daí, tornam-se especialistas em uso, tratamento e cura com determinada medicina tradicional indígena. Claro que por um preço muitas vezes bem salga-

do e com resultados quase sempre duvidosos.

Não quero dizer que só os indígenas sabem fazer e aplicar um rapé, ou que rituais com essa medicina só são verdadeiros se for um indígena a praticá-los. Nada disso. Só que, infelizmente, nos dias atuais, os conhecimentos e rituais tradicionais vêm se tornando cada vez mais “produtos de mercado”, com um bocado de gente se dizendo “mestre”.

Na verdade, esse papo de guardião disso ou daquilo, “segredos milenares” guardados e “mestre do conhecimento tal”, nem faz parte da lógica espiritual dos povos indígenas. Essas palavras só são inteligíveis para nossa sociedade, fantasiosa e carente de heróis e de guardiões.

Para muitos dos povos do Acre, os que dominam estas medicinas são chamados, tradicionalmente de “conhecedores de...”. Afinal, mestres (ou mestras) e guardiões (ou guardiãs) são os seres divinos e sagrados da floresta, como a jiboia *Yube*, a aranha *Atxomngiro*, o *Inka*, as cobras *Nôki* e *Hampitôki*.

O rapé, como qualquer outra medicina indígena, deve ser usado com bom senso, equilíbrio e parcimônia, afinal, mesmo quando usado socialmente, não se desvincula totalmente de sua finalidade. Também é importante lembrar que a matéria prima de sua fabricação é o tabaco e, como tal, pode sim viciar e trazer problemas de saúde quando usado em demasia ou da maneira errada.

A venda do rapé, ao mesmo tempo em que vem crescendo, também vem gerando, além de certa riqueza para alguns poucos, bastante discussão em algumas comunidades, que começam a se sentir incomodadas vendo o nome de seu povo utilizado para dar mais status e legitimidade ao produto. Explico: às vezes, um membro da comunidade produz e começa a vender

muito rapé, não só em sua cidade como, também, fora do estado.

Na identificação do produto indígena não usa o seu nome, usa só o nome do povo, de maneira que aquele produto passa a ser conhecido como um produto de seu povo, mas o lucro pela venda não é distribuído ou compartilhado, no entanto, o ônus que pode advir recai sobre toda a comunidade.

Uma estratégia começou a ser refletida por algumas comunidades que já procuram meios de “patentear” seus produtos tradicionais, sendo que algumas já estão avançadas no estudo jurídico. Tenho discutido com algumas lideranças a ideia de, em vez de patente, constituir um “selo indígena” para seus produtos, como o rapé. De maneira que não só haja o reconhecimento da procedência do produto como, também, a proteção do conhecimento tradicional daquele povo.

É válido deixar claro que nem todos os povos indígenas daqui usam o rapé socialmente, muitos mantêm seu uso restrito às práticas espirituais tradicionais, ligado diretamente a seus rituais de cura sob responsabilidade do pajé. O aumento de seu uso nas aldeias também não é nenhum fenômeno que traga preocupações para a manutenção da cultura, ao contrário, incorpora-se em sua dinâmica.

O excesso de uso no meio urbano, além de desaconselhável, cria situações desagradáveis, pois, assim como a fumaça venenosa do cigarro incomoda, e por isso não se pode usar em locais públicos fechados, os mucos e outros fluidos corporais expelidos quando se usa o rapé não são nada agradáveis de observar quando se está conversando com alguém, principalmente em uma sala fechada.



**Jairo Lima**  
Indigenista. Escritor. Radicado em Cruzeiro do Sul, Acre. Jairo publica seus escritos em <http://cronicasindigenistas.blogspot.com>.

## A SOLUÇÃO PARA A TERRA NÃO CAI DO CÉU



Leonardo Boff

A situação do planeta Terra e seu eventual colapso ou um salto quântico para outro nível de realização não penetrou, ainda, na consciência coletiva nem nos grandes centros acadêmicos.

Continua imperando o velho paradigma, surgido no século XVI com Newton, Francis Bacon e Kepler, atômico, mecanicista e determinístico como se não tivesse existido um Einstein, um Hubble, um Heisenberg, um Reeves, um Hawking, um Lovelock, um Capra e tantos outros que nos elaboraram a nova visão do universo e da Terra.

Cito as palavras do prêmio Nobel de Biologia (1974) Christian de Duve, que escreveu um dos melhores livros sobre a história da vida: *"Poeira vital: a vida como imperativo cósmico"*. A evolução biológica marcha em ritmo acelerado para uma grave instabilidade. O "nosso tempo lembra uma daquelas importantes rupturas na evolução, assinaladas por grandes extinções em massa".

Desta vez ela não vem de algum meteoro rasante como em eras passadas que quase eliminou toda vida, mas do próprio ser humano que pode ser não só suicida e homicida, mas

também ecocida, biocida e por fim geocida. Ele pode pôr fim à vida no nosso planeta, deixando apenas os microorganismos do solo que se contam em quatrilhões de quatrilhões de bactérias, fungos e vírus.

Em razão desta ameaça montada pela máquina de morte fabricada pela irracionalidade da modernidade, se introduziu a expressão antropoceno, uma espécie de nova era geológica na qual a grande ameaça de devastação se deriva do próprio ser humano (antropos).

Ele interveio e continua intervindo de forma tão profunda nos ritmos da natureza e da Terra que está afetando as bases ecológicas que os sustenta. Segundo os biólogos Wilson e Ehrlich, desaparecem entre 70 a 100 mil espécies de seres vivos por ano devido à relação hostil que o ser humano mantém com a natureza. A consequência é clara: a Terra perdeu seu equilíbrio e os eventos extremos o mostram irrefutavelmente. Só ignorantes como Trump negam as evidências empíricas.

O futuro da Terra não cai do céu, mas das decisões que tomarmos no sentido de estarmos em consonância com os ritmos da natureza e do uni-

verso. Cito Swimme: "O futuro será determinado entre aqueles comprometidos com o Tecnozoico, um futuro de exploração crescente da Terra como recurso, tudo para o benefício dos humanos e aqueles comprometidos com o Ecozoico, um novo modo de relação para com a Terra em que o bem-estar de toda a comunidade terrestre é o principal interesse".

Se esse não predominar, conheceremos possivelmente uma catástrofe, desta vez efetuada pela própria Terra, para se livrar de uma de suas criaturas que ocupou todos os espaços de forma violenta e ameaçadora das demais espécies, que, por terem a mesma origem e o mesmo código genético, são seus irmãos e irmãs, não reconhecidos, mas maltratados e até assassinados. Temos que merecer subsistir neste planeta.

Esta é a encruzilhada de nosso tempo: ou mudar ou desaparecer. Mas quem crê nisso? Nós continuamos a gritar.

## O QUE FAZER PARA ROMPER A CULTURA HISTÓRICA DA APATIA?

Trajano Jardim

Brasil: país das contradições em virtude das realizações tardias de vários fatores sociais que poderiam influenciar na formação política do seu povo. A escravidão só foi abolida em 1888; a imprensa só chega em 1808 com D. João VI; a República foi proclamada em 1889.

Talvez isso ocorra pela ausência de efetiva participação popular, que impulsionasse a sociedade em direção às conquistas daqueles direitos. Assim, os eventos mais importantes da história do Brasil vieram sempre por cima, dominados pelas elites e oligarquias.

Sobre a ausência popular nos momentos históricos mais importantes do nosso país, Sérgio Murilo de Carvalho, em *Os bestializados: Rio de Janeiro a República que não foi*, cita Aristides Lobo, o propagandista da República, quando este diz que o povo, pelo ideário republicano, deveria ter sido o protagonista dos acontecimentos, porém, assistira a tudo bestializado, sem compreender o que se passava.

Segundo Emir Sader, o Brasil, em um período muito curto passou por transformações de grande monta. Em poucas décadas tivemos uma ditadura militar que durou 21 anos e mais 12 anos de governos neoliberais e completou, em 2016, 13 anos de governos pós-neoliberais. São mudanças muito radicais, num espaço relativamente curto de tempo.

O golpe desfechado contra o governo liderado pelo PT, que

representava uma ruptura com décadas de políticas voltadas, particularmente, para o projeto neoliberal do Estado mínimo, e uma inflexão marcante na evolução da formação social brasileira.

Com os avanços obtidos nos governos democráticos e populares era de esperar uma firme reação popular em defesa das conquistas conseguidas. Porém, o que vemos é a mesma inércia que marcou o decorrer da história política brasileira. Se quisermos mudar o curso dos acontecimentos em 2018, não podemos deixar-nos levar pela contracorrente da elite dominante que se apossou dos poderes e entregam de bandeja aos grupos econômicos nacionais e internacionais o que nos resta de soberania nacional.

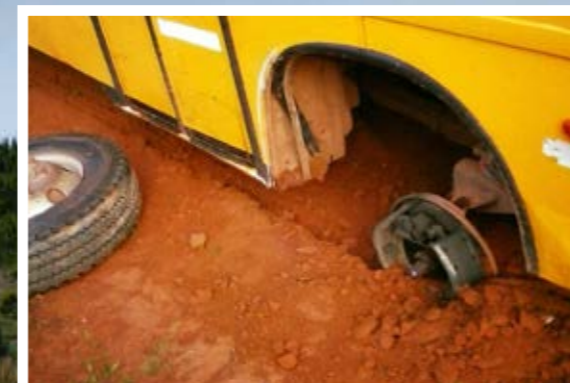
Pensar em eleger Lula com uma visão messiânica de salvador da pátria não nos levará a derrotar o poderoso inimigo. Será preciso uma ampla frente, um novo pacto de radicalização popular, que possa afastar do caminho as ameaças de hoje e futuras, que não se reduzem somente às consequências do neoliberalismo. Mas ao aprofundamento da política conservadora, que busca destruir as estruturas sociais e políticas do país.



**Trajano Jardim**  
Jornalista e Professor  
Universitário



# TRANSPORTE DESGOVERNADO



Antenor Pinheiro, de Moscou

Não é por falta de legislação, normas e recursos financeiros que crianças brasileiras deixam de ir à escola por falta de transporte adequado. Num país de dimensões continentais, é fundamental que o poder público garanta as ideais condições de mobilidade desse público especial que representa as gerações futuras. Para

isso o Governo Federal mantém dois programas em vigência: o Caminho da Escola e o PNATE.

O primeiro tem por objetivo renovar, padronizar e ampliar a frota de veículos escolares das redes de educação básicas públicas municipais, do Distrito Federal e dos estados. Voltado para estudantes prioritariamente residen-

tes nas regiões mais afastadas dos centros urbanos, o programa disponibiliza ônibus, lanchas e até bicicletas fabricadas especialmente para trafegar nestas regiões.

Já o Programa Nacional de Apoio ao Transporte Escolar (PNATE) consiste em garantir fluxos financeiros para custear des-

nal de Desenvolvimento da Educação.

São dois programas essenciais que contribuem à redução da evasão escolar dos nossos pimpolhos, e por isso se revestem de nobreza, não fossem as gestões governamentais ainda colecionarem um punhado de omissões, descuidos e desprezo. Afinal, estamos no Brasil, esta estranha bagunça institucional onde as políticas públicas de relevância social, especialmente as voltadas para pobres e carentes, costumam não ser prioridade.

Não obstante a legislação ser rigorosa quanto aos critérios de segurança veicular e qualidade na formação de condutores e pilotos de embarcação na condução de escolares, ainda é fato que este tipo de serviço está muito distante do ideal no Brasil. Um dos graves problemas é a frágil fiscalização e a falta de acompanhamento adequado sobre a qualidade do serviço.

Está justamente na falta de treinamento específico dos condutores de veículos escolares outro dos graves problemas existentes. Não raro, não obedecem ao rigor previsto no Código de Trânsito Brasileiro/CTB, situação que gera insegurança e queda de produtividade permanentes.

Os altos índices de acidentes de trânsito que vitimam crianças de zero a 14 anos no Brasil chegam a 34% do total, dentre estas estudantes transportados em ônibus e embarcações escolares nem sempre equipados de itens obrigatórios básicos. Mais uma vez a gestão governamental colabora substancialmente nas falhas do sistema.

Também se constitui problema a falta de monitores de bordo que

permitiriam a supervisão, orientação e fiscalização do comportamento dos pequenos no interior do ônibus, o que explica permanentes quedas internas de estudantes com o veículo em movimento. Somam-se a isso a superlotação e a irracionalidade do roteamento de veículos, o que torna os itinerários extensos e desorganizados, portanto, mais onerosos, demorados e ineficientes.

Veículos velhos e manutenção desatualizada são problemas identificados em várias localidades Brasil afora, a despeito de existirem recursos para que isso não aconteça. O descontrole de gastos e faturas revelam descuidos associados às falhas de controle que eventualmente resultam em processos de improbidade administrativa e outras irregularidades, inviabilizando assim o bom funcionamento do sistema.

Porém, e talvez o mais grave problema, está no descontrole do acesso ao serviço. A falta de ferramentas capazes de controlar o acesso dos alunos ao serviço é um problema real facilmente constataável. Esse tipo de irregularidade facilita caronas indevidas, esquecimentos de crianças nos veículos, entre outros problemas; e confirma que a maioria dos sistemas de gestão das frotas de escolares rastreiam (quando rastreiam) apenas as atividades dos veículos em detrimento do monitoramento e rastreamento de alunos.

Ou seja: o país tem a política pública e os recursos financeiros, mas sua gestão governamental mantém-se ineficiente e desatenta diante das demandas de nossas futuras gerações.



**Antenor Pinheiro**

Jornalista. Comentarista da CBN Goiânia. Membro da Associação Nacional de Transportes Públicos /ANTP.

## SANDRA DANTAS: PARA SEMPRE, PRESENTE!



Assim que soube de sua morte, Sandra, no dia 24 de dezembro, saí para orar por você e chorar sozinha, percorrendo cada momento vivido com você, mulher guerreira, amorosa, criativa, determinada, solidária, competíssima e de uma bondade extrema, que marcou profundamente a minha vida." - **Alexandra Reschke.**

Sandra, você se foi... Você que sempre teve tanta coragem, que foi tão forte, que não se deixou morrer assim tão fácil, como te disseram que iria acontecer há anos atrás. Você me disse: "Me disseram que vou morrer. Mas, sabe quando você sente que ainda não vai morrer?". Faz tanto tempo que te disseram isso que eu pensava que a morte tinha desistido diante de tanta força. Ai que saudade! - **Cynthia Borges.**

Uma mulher forte, batalhadora e perseverante!!! Me impressionava a sua força diante das incertezas, dos atropelos e das "sacanagens"... Minha

amiga, você esteve presente em vários momentos importantes da minha vida. Vou sempre lembrar do seu apoio e carinho incondicionais. O céu ganha mais uma estrela! - **Evanise Santos.**

Aprender a amar você não foi difícil, houve um encontro, devagar fomos nos descobrindo nas muitas conversas regadas a café e bolo de laranja, seu preferido... Você esteve comigo no momento mais triste da minha vida e me aqueceu a alma com seu carinho e solidariedade. - **Pati Sales.**

Você talvez seja a pessoa neste mundo com quem melhor me relacionei, trabalhamos juntas, fomos sócias, nunca brigamos! Sua maneira de sempre saber as soluções, as saídas, sua formidável capacidade de trabalho, sua aparente calma nos momentos de desespero... E agora, amiga? - **Thais Pena.**

Nos meus momentos mais difíceis, e também nos mais bonitos, você sempre esteve comigo. Nas militâncias todas, na defesa da Amazônia e dos povos da floresta, naquela tarde difícil do impeachment da Dilma, lá na Esplanada dos Ministérios, nós estávamos juntas. Quando cheguei em Brasília para a mastectomia radical, você tinha decorado o meu quarto de hotel com lindas rosas amarelas. Tão você, Sandrinha! - **Zezé Weiss.**

Com amor, saudade, e dor, da equipe da Xapuri, que um dia também foi sua.

EDUCAÇÃO

NÃO É

MERCADORIA



# APAGAR O PROFESSOR É APAGAR O FUTURO

**Campanha contra a  
desprofissionalização  
do professor**

Pela valorização da educação,  
na defesa dos direitos e contra  
as reformas



Nós fazemos a Xapuri acontecer. Você, com sua assinatura,  
faz a Xapuri continuar acontecendo!

**REVISTA  
IMPRESSA**

**ANUAL**

R\$ **120**,<sup>00</sup>  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL**

R\$ **199**,<sup>00</sup>

24 EDIÇÕES  
(BÔNUS: REVISTA DIGITAL)

**REVISTA  
DIGITAL**

**ANUAL**

R\$ **60**,<sup>00</sup>  
12 EDIÇÕES

**BIANUAL**

R\$ **99**,<sup>00</sup>

BÔNUS: REVISTA IMPRESSA  
(DO MÊS DA ASSINATURA)

**ASSINE JÁ!**

**[WWW.XAPURI.INFO/ASSINE](http://WWW.XAPURI.INFO/ASSINE)**